

Um santuário onde a crise nem é vista

A campanha soa bem alto no prédio branco, de arquitetura antiga, construído em 1925, no Jardim Paulistano. São 8 horas de quinta-feira. A classe da quarta série, com 25 alunos de no máximo dez anos de idade, sobe comportada as escadarias, até chegar à sala onde Magala Baker aguarda desde as 7h55. Começa, então, uma palestra que vai demorar no máximo 15min. Miss Baker, a tutora dos alunos, fala de boa educação, necessidade de frequência às aulas e avalia o comportamento de algumas crianças.

Esta rotina diária da Escola Britânica, em São Paulo, nunca foi quebrada em 60 anos de atividades. "Jamais houve greve aqui", diz, orgulhosa, a professora Esmeralda Bárbara de Oliveira, diretora do colégio. Na Escola Britânica, há 600 alunos — todos de classe média alta para cima — que passam na escola. Ali, além das matérias universais, aprendem tênis, natação e música. As instalações, para os padrões brasileiros, são espetaculares.

Para a diretora, a Escola Britânica é um santuário da eficiência escolar no Brasil. Ela atribui o sucesso da escola ao método inglês de administração: "Os ingleses mantêm essa escola através da Fundação Anglo-Brasileira de Educação e Cultura de São Paulo", conta ela. Anne D'Heursel, aluna do International Baccalureate (quarto ano opcional do curso secundário), testemunha que a escola lhe deu informações suficientes para entrar em qualquer universidade do Brasil e do Exterior. Para estudar em universidades inglesas e americanas — diz Esmeralda —, o aluno da Escola Britânica não precisa de nenhum curso de adaptação ou de vestibular. "Nosso currículo é aceito lá", gaba-se Esmeralda. Isso não quer dizer que são desprezadas as matérias de Português, Geografia e História do Brasil. Apenas, essas disciplinas são dadas em língua portuguesa. Química, Física e Matemática são lecionadas somente em inglês.



Mônica Varella/AE

Escola Britânica: tutores, tênis e música